

CRÔNICA: REGISTRO DA MODERNIZAÇÃO

Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro (UERN)¹

Resumo: Apresentação de conjunto de crônicas publicadas ao longo dos anos de 1920 no jornal *A República*, de Natal-RN, com destaque para 13 textos relacionados no tema **Figura da Mulher**. O objetivo da leitura é verificar a presença de elementos da modernização como assunto das crônicas, no contexto da produção literária do período. Como objeto de estudo, o gênero crônica auxilia na busca de formas de recuperar e reconstruir a memória da história da década de 20 do século XX, no Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: Crônica, modernização, Rio Grande do Norte, feminismo.

1. Subtilezas Femininas: a mulher norte-rio-grandense em contexto de mudanças

A modernização da sociedade brasileira pode ser observada, segundo Flora Süssekind (1987), através de mudanças ocorridas nas duas últimas décadas do século XIX, as quais perduraram e atingiram o ápice na segunda década do século XX. Neste intervalo, a década de 20 pode ser considerada a da modernização, porque foi nela que muitos aparatos modernos passaram a dominar o cotidiano, como o cinematógrafo, o gramofone, a máquina de escrever, dentre outros vindos quase sempre da Europa. As pessoas, como que contagiadas por essas novidades, começaram a agir e a pensar de outro modo, mudaram seus hábitos, sua visão de mundo; enfim, passaram a ver e a pensar de forma diferente, no contexto do que se pode chamar de modernização da sociedade e, conseqüentemente, das artes e da literatura.

A década de 20 seria marcada por grandes mudanças no que diz respeito às práticas culturais, correspondendo a um movimento que se manifestou em várias regiões brasileiras. Essas mudanças nas práticas culturais podem ser entendidas como manifestações relacionadas ao Modernismo, e encontramos suas marcas na poesia, na prosa e nas narrações de uma forma geral, mas nos interessa estudar a sua expressão no gênero crônica, pelo fato de serem elas o retrato do cotidiano que era profundamente

¹ Este artigo tem como base a Dissertação de Mestrado *Crônica literária: registros da modernização no Rio Grande do Norte na década de 20*, de minha autoria, apresentada em 2003 ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da UFRN, na área de Literatura Comparada, sob a orientação do Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo.

marcado pela modernização. Ao estudar as crônicas, procuramos dar uma contribuição para o estudo da literatura no Rio Grande do Norte, espaço marcado por diversas mudanças:

No Rio Grande do Norte, os anos 20 foram marcados por diversas mudanças na vida política, na economia, nas relações sociais, na cultura e na literatura. Em Natal, capital do estado, a produção cultural foi atingida por essas mudanças, resultando do processo uma diminuição da relação de dependência quase exclusiva que existia, até então, entre a esfera cultural e a esfera do poder político local. (ARAÚJO, 1995, p. 21).

Para verificar como se deu a modernização da sociedade no Rio Grande do Norte e a chegada do movimento cultural do Modernismo, rastreamos através da crônica literária a história desse processo. No contexto referido, aconteceu a queda política da oligarquia Albuquerque-Maranhão e a ascensão de outra oligarquia vinda do Seridó, tendo José Augusto e Juvenal Lamartine à frente. Na economia, iniciou-se a era da aviação comercial, e o estado passou a exportar algodão para a Europa. Nas relações sociais, passou-se a manter contato mais frequente com outros estados do Nordeste e do Sul do país, fenômeno auxiliado pela popularização de revistas e periódicos, da aviação comercial e porque Natal servia de “caminho” para quem ia do Sul para o Norte e vice-versa. No cotidiano da cidade, aparecia cada vez mais a utilização da imprensa, do cinema e de outros veículos de comunicação. Assuntos como a chegada do cinema, do automóvel, do avião, e o surgimento de “cafés” eram destaques nas páginas dos jornais e revistas.

Vale salientar também a existência de duas leis estaduais de incentivo à cultura: a primeira, criada em 1900, por Alberto Maranhão, com a iniciativa de Henrique Castriciano. Essa lei, única no Brasil, tornava obrigatória a edição de livros considerados importantes para a cultura norte-rio-grandense (Cf. ARAÚJO, 1995). A outra², foi criada também com o intuito de incentivar e valorizar a produção literária potiguar: tratava-se de uma lei que permitia que poesias de escritores locais fossem musicadas. Outro fato bastante comentado nos jornais da década de 20 foi uma arrojada campanha publicitária da qual o Rio Grande do Norte começaria a fazer parte. O então

² A criação dessa lei foi noticiada em 28.05.1922, pelo jornal *A República*. O artigo “Pontos de vista”, assinado pelas iniciais J.R., informa: “Esse decreto no. 177 de 29 de abril de 1922, que autoriza a escolha de versos de norte-rio-grandenses falecidos para serem musicados...”

governador do estado, José Augusto, encomendou uma série de propagandas para mostrar o pequeno, mas promissor estado. Para tal, foi rodado um filme – “Cine-jornal do Rio Grande do Norte” – que tinha como principal função apresentar para o Brasil e para o mundo os valores, as belezas naturais locais e a produção agrícola, tendo como símbolo de prosperidade o algodão. O filme foi dirigido por Amphilóquio Câmara, que também ficou encarregado de, através dele, provar que o Rio Grande do Norte era um estado rico, belo e próspero, e com isso capaz de atrair investidores.

Os principais assuntos tratados nas crônicas são oriundos do cotidiano da cidade (Natal) e dos cronistas. Alguns deles, como a construção de avenidas, a visita de personalidades da política e da literatura, a nova mulher que adere à moda e se apaixona pelos galãs do cinema, o próprio cinema enquanto invento moderno, o pescador como homem simples que se lança ao mar em busca do sustento da família, as constantes críticas à falta de patriotismo dos brasileiros, e até a derrubada de uma árvore – a cajazeira – que de tão velha fazia parte da memória dos escritores e da própria cidade. Enfim, os objetos dos quais tratavam eram os mais diversos, mas sempre extraídos do microcosmo no qual o cronista estava inserido.

Quanto à linguagem das crônicas, observamos que havia a presença constante de estrangeirismos devido à enorme influência que as nações de primeiro mundo exerciam – já naquela época – sobre o Brasil, sobretudo a França, que era considerada modelo perfeito de civilização:

Animados por essas perversas e insinuantes sentenças professadas em ‘L’ecole de Femnes’, os maridos de ontem e de hoje participaram muito mais das pacatas escolhas de Arnolphe do que rigorosa seleção de Chrysalde (ORICO, 1925, p. 01)

Os nossos “Footings” outrora, que calamidade, eram feitos aos sábados ... no Paço da Pátria. Ahi as nossas melindrosas, “fin du siècle”, vestiam os seus melhores costumes e usavam seu melhor perfume (D’ALBERT³, 1929, p. 02).

Observamos também o uso frequente de expressões de época, gírias, que faziam parte do vocabulário popular e que o cronista, como homem de seu tempo, captava e utilizava em seus textos:

³ Pseudônimo de autor não identificado na pesquisa.

Oraide tem no olhar o fogo ardente
 Que, vindo dos seus olhos brasileiros,
 Grande incêndio produz n'alma da gente,
 Sem que o debelle – um corpo de bombeiros!

No palco, Oraide é graça, é “canja”, é vida ...
 E há quem diga ser mesmo uma “tétéa”,
 Dentro d'Arte, que a torna tão querida!

(MERCÊS, 1924, p. 01)

A respeito do tema intitulado **Figura da Mulher**, dispomos de 13 textos⁴. A partir da sua leitura, torna-se possível traçar um perfil da mulher dos anos 1920, conhecer seus sonhos, anseios, desejos, suas lutas e sobretudo as vitórias conquistadas como o direito ao voto, por exemplo. Com as mudanças da virada do século, e das suas primeiras décadas, mudou também a **Figura da Mulher**, e é seu novo papel na sociedade que provoca discussão e críticas. Suas novas atitudes, a ousadia e até suas conquistas são polemizadas e questionadas nas crônicas.

Sob o título de “Subtilezas Femininas”, Palmyra Wanderley⁵ escreveu uma série de crônicas nas quais defendia, dentre outros aspectos, a luta da mulher por seu espaço na sociedade. Em tal contexto, uma das lutas mais acirradas da mulher da década de 20 foi pelo direito ao voto. Em 26 de janeiro de 1928, *A República* noticiava:

Feminismo

A primeira eleitora sul-americana

O juiz de direito da 1ª vara da capital do Rio Grande do Norte, dr. Xavier Montenegro, (...), mandou incluir no alistamento eleitoral a senhorita Júlia Alves Barbosa, maior de 21 anos, (...) natural daquele Estado e professora de Matemática da Escola Normal, da cidade de Natal. É portanto, a senhorita Júlia Barbosa, a primeira mulher eleitora na América do Sul. (Do *Diário Popular* de S. Paulo, de 3/1/1928)

O direito ao voto foi, sem dúvida, uma das maiores conquistas da mulher daquela década. Mas, essa não foi sua única conquista: ela conseguiu também o direito

⁴ Os temas predominantes, nos 100 textos literários coletados e catalogados por esta pesquisa são: *Crítica Literária; Memória e Tradição; a Figura da Mulher; a criação de Revistas e Periódicos; o Rio Grande do Norte e Natal.*

⁵ A natalense Palmyra dos Guimarães Wanderley (06.08.1894 – 19.11.1978) escreveu versos, textos para teatro e crônicas. Foi uma das responsáveis pela publicação da revista *Via Láctea*, que foi editada apenas por mulheres, nos anos de 1914 e 1915. Publicou dois livros: *Esmeraldas* (1918) e *Roseira Brava* (1929). Este último teve uma grande repercussão, ao ser apresentado pela autora na Academia Pernambucana de Letras – sendo mais tarde publicado por *A Revista da Cidade*, de Recife –, e recebeu elogios de críticos como Tristão de Athayde e João Ribeiro. Pseudônimos que usava: Mirthô, Li Lá, Masako, Angela Mirialva. Dados coletados em *Informação da Literatura Potiguar* (SANTOS, 2001).

de se organizar em grupos intitulados “Feministas”, que objetivavam lutar pelos seus direitos. Com a industrialização, surge a necessidade de mão-de-obra e a **Figura da Mulher**, com toda a sua capacidade de produzir, entra em cena. Surgem também as mulheres jornalistas que escreviam nos jornais e revistas suas experiências, e pregavam suas ideias; muitas vezes, tidas como reacionárias pelos homens e como inovadoras pelas outras mulheres. O fato é que a **Figura da Mulher** da década de 20 marcou uma nova fase na qual o modo de agir feminino sofreu grandes mudanças, que certamente não passaram despercebidas aos olhos atentos dos homens:

Ellas não sabem pensar senão em fitas de cinema, meias de seda, vestidos da moda, pinturas, bailes, theatros, avenidas, finalmente em tudo que lhes importe a convicção de que se farão credoras da inveja das suas amigas... (MILANEZ, 1924, p. 01).

A **Figura da Mulher** “fatal”, sedutora, astuta, sagaz, perturba o cronista que mais uma vez a critica considerando-a responsável pelos “deslizes” praticados pelo homem e acusando-a de ser a causa dos desmandos cometidos por ele:

Diga-se-lhes uma figurinha pomposamente adornada, não lhes importa a elles observá-la, examinar-lhes a máscara da face; basta-lhes a primeira impressão para sensibilizá-los, enlouquecê-los e torná-los ridículos, (...) Busca-se a causa de taes acontecimentos e apparece uma mulher que passou dos vinte e cinco annos, lábios encarnados, faces que soffreram um processo de coloração paciente e demorado, dentadura na terceira ou quarta muda em um dentista de nome, vestido no último figurino, a quem o juiz ouve com particular interesse e os advogados da defesa procuram inocentar, accusando a victima de ter procurado seduzir uma creança (MILANEZ, 1924, p. 01).

Na crônica “O que pensei hontem...”, de 30 de abril de 1924, João Dantas Milanez expõe o papel da mulher na sociedade da década em estudo. A partir da leitura e posterior análise, pode-se observar que na sua opinião a mulher se utilizava dos recursos modernos disponíveis tais como a moda, a maquiagem, a dentadura postiça, o cinema, e até as informações contidas nas leituras de jornais e revistas para sutilmente “dominar” o homem, o que representa um grande perigo aos olhos do cronista: “O governo precisa tomar providências enérgicas contra o perigo social das mulheres da moda...”. Com base neste apelo surge um questionamento, ou melhor, dois: será que as

mulheres eram tão perigosas assim? E qual era o objetivo delas ao tentar “dominar” os homens? As respostas para estes questionamentos não aparecem no corpo do texto, levando-nos, pois, a criar uma série de possíveis respostas. Quanto à primeira pergunta, acreditamos ser um exagero do cronista, e que na verdade, a mulher não representava o perigo enfatizado por ele. Provavelmente ela estivesse apenas tentando galgar seu espaço na sociedade e isto o tenha “impressionado”. Quanto à segunda, supomos que seus objetivos seriam arranjar casamento e adquirir seu espaço para assim se impor para a sociedade. Fazendo uso do meio dialógico que é a crônica, o autor torna-se representante da voz masculina da década de 20, e cumprindo seu papel ele chama a atenção para as transformações que a atitude feminina, ou seja, a **Figura da Mulher** sofreu naquela década que, não por acaso, ficou marcada na história como a das grandes mudanças⁶.

Com relação ao estilo adotado pelo cronista norte-rio-grandense da década de 20 do século XX, poder-se-ia dizer que era semelhante ao utilizado por cronistas do mesmo período em outros pontos do Brasil, como no eixo Rio-São Paulo, conforme nos apresenta Davi Arrigucci Júnior (1987), Flora Süssekind (1987), Antônio Dimas (1983), dentre outros que já estudaram a produção daquele eixo.

No conhecido ensaio “A vida ao rés-do-chão”, Antonio Candido considera a crônica um “gênero menor”, mas não por ser inferior e sim ímpar, pois “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (CANDIDO, 1992, p. 14).

No Rio Grande do Norte, o gênero crônica já despertou o interesse de vários pesquisadores⁷, dentre os quais Maria Suely da Costa – em sua pesquisa sobre as revistas literárias que circularam em Natal-RN, na década de 20 – constatou que na crônica norte-rio-grandense “a natureza e o homem passam a ser descritos na essência de seu cotidiano”, e concluiu que os cronistas Jorge Fernandes e Câmara Cascudo são legítimos representantes do “discurso moderno”. Segundo a pesquisadora, em posição diferente estariam Octacílio Alecrim, Edgar Barbosa e Adherbal França com seus discursos ainda presos à tradição. No conjunto, destaca-se João Maria Furtado que,

⁶ “Do último decênio do século XIX até os anos 30 ocorreram transformações que se revelaram decisivas nas relações entre gêneros, bem como a conquista de territórios até então só remotamente pensados à mulher brasileira. O fermento da agitação republicana parece ter fortalecido o desejo feminista por direitos políticos e civis, e os jornais são pródigos em registrar a efervescência da vida cultural, o crescente número de mulheres ‘decentes’ passeando nas vias públicas, indo ao cinema, ao teatro. Estava em processo a construção da **nova mulher** brasileira” (DUARTE, 1995).

⁷ COSTA (2000), FERREIRA (2000), SANTOS (2001) e ARAÚJO (1999; 2000).

segundo a autora, é capaz de “passear” por ambos os discursos adequando-se a eles estrategicamente.

Em seu ensaio “A crônica na cidade do Natal”, Araújo (1999) enfatiza a importância do livro *Natal do meu tempo*, de João Amorim Guimarães, o qual nos mostra “um retrato do ambiente social onde surgiram as obras dos principais intelectuais do Rio Grande do Norte na primeira metade do século passado”. O pesquisador aponta nomes que se destacaram como cronistas, no Rio Grande do Norte – dentre os quais estão Adherbal França, Octacílio Alecrim e Palmyra Wanderley, autores que elegeram como tema central a cidade do Natal e o leque de mudanças pelas quais estava passando, na época referida, a provinciana capital norte-rio-grandense.

Com a expansão da imprensa, passa a reinar soberana a informação que “viajava” de canto a canto do país, e a literatura pega carona nessa máquina poderosa que caminha a passos largos levando, via jornal, textos produzidos por escritores conhecidos nacionalmente, proporcionando ao escritor que se encontrava fora do eixo Rio-São Paulo uma atualização e um estreitamento de laços.

Nessa relação entre nortistas e sulistas havia troca de informações, uma espécie de intercâmbio de ideias, no qual os envolvidos tomavam conhecimento daquilo que estava sendo produzido de norte a sul. E tudo isto contribuiu para que as crônicas potiguares estivessem em sintonia com as do resto do país, apresentassem temas parecidos e trouxessem, na essência, esse ar despojado que é característico de cronistas que fazem parte da literatura brasileira. Por isso, essas crônicas apresentam o mesmo tom de conversa fiada, de discussão de porta de venda, de mesa de bar ou mesmo de “cafés culturais” mantendo uma relação íntima com a conversa de todo dia, num tom comunicativo e em clima de bate-papo. Este jeito de ser da crônica, análogo ao cotidiano, é que caracteriza seu estilo, que é considerado pelos críticos como ímpar, e a “torna um gênero literário autônomo, tal como ocorre na literatura brasileira...” (COUTINHO, 1999, p. 136).

De acordo com Le Goff (1994), dentre as manifestações mais expressivas da memória coletiva, destacam-se duas surgidas no século 20: a construção de monumentos aos mortos da Primeira Guerra Mundial e a fotografia, que segundo o escritor revolucionou a história porque ela possibilitava guardar a memória do tempo e da evolução cronológica com precisão. Poder-se-ia dizer que um processo semelhante ocorreu na literatura, com o surgimento do gênero crônica. Assim como a fotografia, ela também é capaz de guardar “momentos”, que ficam preservados da ação do tempo

bastando lê-la para rememorar o fato ocorrido em algum lugar do passado. Partindo desse pressuposto, esta pesquisa tomou o gênero crônica como objeto de estudo, buscando, desse modo, formas de recuperar episódios ou coisas que auxiliassem na reconstrução da história daquele período.

2. Catalogação das crônicas selecionadas quanto ao tema *Figura da Mulher*

2.1. DURVAL. “Notas IV”. *A República*, 20 maio 1925, p. 01.

Comenta a Paris descrita por Eça de Queiroz, cidade esplendor e de beleza transbordante, enfocando especialmente a mulher parisiense na sua forma ímpar de se vestir. Cogita-se uma enquete sobre o tema “Para quem as mulheres se vestem”: se para determinados indivíduos; se para todos os homens ou se para si mesmas. Procura-se destacar, também, a capacidade feminina de lidar com a pintura – maquiagem – como se fossem elas as inventoras da pintura futurista.

2.2. D’ALBERT, Lucy. “Vida Social – Como julgam as mulheres”. *A República*, 12 jan. 1929, p. 02.

Trata do comportamento da mulher, ora forte, “que compreende a vida como um motivo forte de prazer e de ventura”; ora sensível, “que sente que ama, que sofre e que faz ainda do amor a página mais bela e mais emotiva da existência”. Em meio a esta dualidade, Lucy D’Albert revela: é melhor não nos conhecermos, deixando aos outros este trabalho e diz que cada mulher é uma reticência, porque por mais que diga deixa sempre por dizer.

2.3. “FEMINISMO: a primeira eleitora sul-americana”. *A República*, 26 jan. 1928, p. 02.

Nota que registra a inclusão do nome de Júlia Alves Barbosa no “alistamento eleitoral”, tornando-a a primeira “mulher eleitora da América do Sul”.

2.4. MILANEZ, João Dantas. “O que pensei ontem...”. *A República*, 21 abr. 1924a, p. 01.

Reflexão crítica sobre a mulher e sua presença ao lado do homem desde os primórdios da humanidade. O autor traça um perfil crítico e lhe atribui características e defeitos de modo incisivo: “pensamento de mulher, quando não toca no irrisório participa do trágico ou do imprevidente”, mas enaltece-a concluindo que “tem sempre alguma coisa superior ao homem: o fato de ser mulher”.

2.5. MILANEZ, João Dantas. “O que pensei ontem...”. *A República*, 24 abr. 1924b, p. 01.

Analisa e conceitua o casamento enquanto instituição e/ou contrato social. Em dúvidas sobre o que é melhor, entre casar-se e ficar solteiro, o autor tenta definir o matrimônio à luz de depoimentos de solteiros e casados, chegando à conclusão de que se trata de “um contrato de locação de serviços”, sendo o homem “locador” e a mulher “locatária”.

2.6. MILANEZ, João Dantas. “O que pensei ontem...”. *A República*, 27 abr. 1924c, p. 01

Apresenta um projeto social idealizado pelo próprio autor com o objetivo de proporcionar a “moças solteiras” a oportunidade do casamento. Ciente de que somente as detentoras de “bons dotes” conseguem “atrair a atenção dos moços bonitos”, o autor sugere a criação de um “fundo social” o qual seria “o remédio capaz de reintegrar as solteironas nos seus direitos e vantagens de meninas casadoiras”.

2.7. MILANEZ, João Dantas. “O que pensei ontem...”. *A República*, 30 abr. 1924d, p. 01.

Discorre sobre as relações e conflitos entre homens e as “mulheres da moda”. Essas mulheres, segundo o autor, são um “perigo social” e fazem de “homens são loucos furiosos”, dominando “com o seu nenhum valor o pouco valor dos homens”.

2.8. MILANEZ, João Dantas. “O que pensei ontem...”. *A República*, 08 maio 1924e, p. 01.

Trata dos comentários feitos pelas moças da cidade em virtude de seus vários textos publicados sobre a mulher. Tendo ficado ciente da insatisfação generalizada, o autor tenta justificar-se por suas produções afirmando tratar do “assumpto mais indigesto em ciência, literatura, jurisprudências, outras modalidades do saber humano”, e conclui traçando um completo perfil de sua pessoa.

2.9. MERCÊS, Juquinha. “Caras e caretas ... IV”. *A República*, 10 ago. 1924, p. 01.

Comenta o período de enfermidade que afastou a notável atriz Adelina Nobre dos palcos, deixando uma impreenchível lacuna nas atividades “scenicas” do estado. Espera-se seu breve retorno na estreia da revista teatral *É bom que dói*.

2.10. MERCÊS, Juquinha. “Caras e caretas ... V”. *A República*, 13 ago. 1924, p. 01.

Descreve a atriz e dançarina que tinha a capacidade de enfeitiçar todos a quem dirigisse seu olhar. Dona de trejeitos ímpares, Oraide Nogueira foi considerada “tetéa”, pois incendiava o palco com seus números, arrancando suspiros de boêmios a coronéis.

2.11. MERCÊS, Juquinha. “Caras e caretas ... VI”. *A República*, 15 ago. 1924, p. 01.

Homenagem à atriz que tinha “rosto de fada” e “espinhos n’alma”. Quando entrava em cena, Rosa Sandrini causava um frenesi nos espectadores. Elegante, altiva, impunha respeito tal que lhe preservava das inúmeras investidas dos mais ousados galanteadores.

2.12. MERCÊS, Juquinha. “Caras e caretas ... VII”. *A República*, 16 ago. 1924, p. 01.

O autor descreve a artista da voz mais melodiosa, tal qual um “saltitante rouxinol”, como se ela fora uma “deusa da mythologia”. Capaz de brilhantes variações sonoras, Albertina Rodrigues se fez notável entre tantas outras damas das ribaltas potiguares.

2.13. MERCÊS, Juquinha. “Caras e caretas ... II”. *A República*, 03 ago. 1924, p. 01.

Exalta a exuberante figura de Sarah Nobre, atriz e dançarina que abrilhantou o prosclênio do Teatro Carlos Gomes nos idos da década de 20.

3. Anexo: “Subtilezas Femininas: concurso de beleza” - Palmyra Wanderley. *A República*, Natal, 30 abril 1922. p. 1

Melle.*** Veio encontrar-me em meio à magnífica álea que se prolonga pelo jardim, em folhas verdes e flores amarelas. Um tapete de pétalas miúdas assinalava o gracioso caminho que nos conduz à sua aprazível habitação. No terraço engalanado de trepadeiras roxas, entre jarras de avencas e palmeiras verdejantes, encantadora creatura de olhos claros e compridos cílios, falava calorosamente, fervorosamente, como em respeitável assembléa um tribuno ardoroso. O assumpto pareceu-me interessante, tanto mais quanto se reflectia no semblante dos ouvintes um misto de admiração e curiosidade, denunciador da sabedoria eloquente da illustre oradora. Discutia-se o valor das pérolas. E tanto encanto, tanta magia existe no brilho langue, na brancura lunar dessas pedras luzentes, que julguei ouvir no ruído das palavras que se trocavam, impressionante harmonia de pérolas que se quebrassem em taças de crystal. E senti como que um fulgor magnético se infiltrando em minha alma e a sua música divina enchendo-me os ouvidos de harpejos celestiaes. Fosse porque o assumpto já se ia finalizando, ou porque a minha presença interrompesse a vibração da oradora, o certo é que a sua voz enfraqueceu e a conversação tomou um novo rumo. Já se não mais falava nas pérolas, que tanto enfeitiçam as mulheres, mas no próprio feitiço feminino – a beleza.

– Dizem não haver nada mais agradável à invencível vaidade da mulher do que chamá-la formosa, por isso que a formosura tem sido em todas as epochas o seu maior triumpho, para não dizer o seu único triumpho. E tanto é assim que o jornalismo patricio, querendo conquistar mais e mais as sympathias do bello sexo, aproveitando ao mesmo tempo, aquillo que julga ser seu real valor, no maior realce das festividades do centenário, promoveu um concurso de beleza, para bem alto collocar a mais bella d’entre as mais bellas das brasileiras. E o successo da idéa, no acolhimento carinhoso que lhe deu todo o país, traduz fielmente a uniformidade do pensamento do povo brasileiro com o pensamento dos jornalistas iniciadores desse torneio de galantaria, aliás interessante e gentil.

– Infelizmente, assim o é, dizia Mme. S, respeitável pelo acerto de suas doutrinas. Consola-nos o não ser culpa nossa. Os homens, antigamente, suppondo-se privilegiados pela intelligencia, pela sabedoria, pelo talento, pela força, pela sciencia, constituíram-se nossos mestres e nossos senhores e d’est’arte, restringiram os nossos horizontes, aniquillaram os nossos ideaes, suplantaram os nossos direitos, e convencendo-nos da nossa inferioridade, proclamaram a nossa ignorância, entregando-nos, apenas, o dote da beleza. Ainda hoje, nos pesa um pouco o jugo d’essa educação fementida e acreditamos muita vez ser a belleza physica o quinhão que nos tocou na partilha da natureza.

– Então, Mme. julga a belleza physica injuriosa? Não será por ventura, esse concurso a revelação da esthetica aprimorada dos brasileiros, na eleição distincta de sua belleza typica? A França, a Inglaterra, a América do Norte já nos deram esse exemplo, sem desdouro para o nosso sexo; muito ao contrário exaltaram a belleza de suas filhas e curvaram-se reverentemente ante o seu fastígio soberano.

– Simples diletantismo de jornal. Trocaria de bom grado a experiência dos meus cabellos brancos, por toda essa ingenuidade de moça, contanto que me voltassem a alegria e a illusão da idade de ouro que é a sua. Longe de mim a idéa de desthronar a beleza. Rendo um culto fervoroso a tudo quanto é bello, e os esthetas se me afiguram creaturas superiores, tocadas pelo bafejo divino, fascinadas pelos encantos da perfeição.

Lamento, apenas, e com sinceridade, a maneira por que nós, mulheres, vamos concorrer na comemoração da Independência brasileira, provando que, ainda hoje, em plena florescência da emancipação intelectual, moral e civil da mulher, nos julgamos e somos julgadas criaturas inúteis, apenas formosas. De que são capazes as estátuas mais bellas? Figuras decorativas, inertes na sua rigidez marmórea, ellas atravessam os séculos, sem outra finalidade senão a de agradar a vista dos espectadores. Em uma festa de redempção moral como essa, teremos a significação das estátuas e o brilho fugaz dos fogos de artifício. A belleza só nos ficou, porque o homem, na ambição desmedida de conquistar o mundo, esqueceu-se, também, de conquistá-la, mau grado os esforços de Schopenhauer. E de que nos tem ella servido, muita vez? De abysmo à virtude, que deve ser a nossa maior belleza. Enquanto a mulher foi exclusivamente considerada objecto de belleza, não passou de simples ornamento de salão, de mostruário de jóias e de sedas, de um ser ignorante e ignorado, de uma creatura desprezível, de uma escrava humilhada, envergonhada de si mesma. E, agora, quando ella se vai libertando, pela intelligencia, conquistando pela instrucção, triumphando pela bondade, resplandecendo pela graça, immortalizando-se pela acção; quando a sociedade comprehendendo a elevada missão, que dignifica a mulher, proclama-na – educadora dos povos; quando, assim, soberana na sua grandeza, portentosa no seu reinado, sublime no seu mister, gloriosa na sua ascensão, merece as reverências da humanidade, que se curva ante a sua passagem e a saúda e bendiz como senhora e rainha, o Brasil celebra a paschoa gloriosa de sua independência, coroando-a com a coroa da belleza, cujo brilho se esmaece de todo, ante o fulgor espiritual de seus encantos. Sejamos bellas, se pudermos, mas nos façamos, antes de tudo virtuosas. Dirão, talvez, que falo em defesa da fealdade; não o é, falo em defesa da mulher e se não fosse, seria sempre o eixo da verdade que nos diz: – A belleza physica não dignifica, se não é o reflexo da virtude no semblante das formosas. Ephemera, passageira, enganadora e fugaz, tem por vezes o doce de um só dia e quase sempre o amargo de toda vida. Os próprios irracionais podem ser bellos e ser-nos-iam comparáveis, se nos faltassem esse coração, essa alma, todo esse encanto espiritual que nos liberta, nos engrandece, nos eleva, acima da belleza material...

Enquanto Mme. Afagando em suas mãos fidalgas, um ramo vivo de acácias lindas, silenciava, recostando a cabeça no espaldar de uma cadeira de embalo, eu gozava serenamente, com a falange numerosa das feias o sabor indefinido, a deliciosa alegria, a encantadora sensação de me saber generosamente feia.

REFERÊNCIAS

ACÇÃO. *A República*, 08 mar. 1925, p. 01.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 1995.

_____. “A crônica na cidade do Natal”. In: *Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal*. 2. ed. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 1999.

_____. “Uma história para *Natal do meu Tempo*”. In: *Poesia e formas: memória de leituras*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2000.

D’ALBERT, Lucy. Vida social – Avenida Tavares de Lira. *A República*, 19 jan. 1929, p. 02.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CANDIDO, Antonio (et al). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COSTA, Maria Suely da. *O canto da cigarra e outros cantos: revistas literárias do Rio Grande do Norte nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Global, 1999.

DIMAS, Antônio. A crônica. In: _____. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos*. São Paulo: Ática, 1983.

DUARTE, Constância Lima. A crônica feminina brasileira: das origens à contemporaneidade. *Revista Vivência*. Natal, v. 9, n. 2, 1995.

FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção de Câmara Cascudo nos anos 20*. (Mestrado em Literatura Comparada) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2000.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: _____. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 535-553.

MERCÊS, Juquinha das. A moda. *A República*, 13 mai. 1924, p. 01.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. *Crônica Literária: registros da modernização do Rio Grande do Norte na década de 20*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ORICO, Oswaldo. Escola para noivas. *A República*, 07 mar. 1925, p. 01.

SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WANDERLEY, Palmyra. Subtilezas Femininas: concurso de beleza. *A República*, Natal, 30 abril 1922. p. 1